

# Ulysses ajuda Sarney a governar

Viabilização da "parceria social" será tarefa conjunta dos dois

GILBERTO ALVES

## Despachos foram no Palácio da Alvorada

Cansado da viagem de cinco dias aos Estados Unidos, o presidente José Sarney não despachou ontem no Palácio do Planalto. Desembarcou na Base Aérea de Brasília às 10 da manhã e foi direto para sua residência oficial, o Palácio da Alvorada, onde despachou durante o resto do dia.

Até a neta de Sarney, Rafaela — acompanhada da mãe, Roseana —, foi recepção-lo em seu desembarque. Dona Marly Sarney se antecipou ao deputado Ulysses Guimarães e, antes do aperto de mãos que simboliza a transferência de poder, fez questão de beijar o marido, no rosto.

O general Rubens Bayma Denys, ministro-chefe do Gabinete Militar, segundo a descer do avião, também recebeu dois beijos na face de dona Marly. Revertente, o general tirou o quepe e, enquanto Sarney chegava a Ulysses, fez companhia à primeira dama e à mulher do presidente da Câmara, dona Mora Guimarães.

Alinhada com um vestido branco, dona Marly não deixou que Sarney passasse diante da banda de música da Base Aérea sem antes limpar-lhe o ombro do paletó, com um leve movimento de mão. Em seguida, ladeado por Ulysses, o presidente ouviu o hino nacional, passou em revista as tropas e cumprimentou os ministros, perfilados à frente da sala de autoridades da Base Aérea. Antes de retirar-se, Sarney conversou com Ulysses durante meia hora.

Hoje, o presidente Sarney retorna no Palácio do Planalto à rotina. Sua agenda prevê 11 audiências, uma das quais com o ministro Nelson Ribeiro, da Reforma e Desenvolvimento Agrário. O porta-voz Fernando César Mesquita não confirmou, mas disse que "é provável que o ministro entregue ao presidente o Plano Nacional de Reforma Agrária".



Ulysses devolve o Governo a Sarney, mas assume a co-responsabilidade em sua condução

O presidente da Câmara, deputado Ulysses Guimarães, assumiu definitivamente sua parcela de responsabilidade na condução do Governo, que devolveu ontem ao presidente José Sarney. Após conversar por 30 minutos com Sarney, Ulysses não só justificou a necessidade do pacto social — ou "parceria social", como prefere chamar —, como convocou, na Base Aérea de Brasília, uma reunião de emergência dos ministros da área econômica com os líderes da Aliança Democrática, para discutir a quest-ão da reforma tributária.

Bem humorado, Ulysses disse que "o pacto é necessário até em casa, entre marido e mulher, para evitar um divórcio", mas que no Brasil — um país com 130 milhões de habitantes e milhares de sindicatos —, para conseguir viabilizá-lo os políticos terão de gastar muito o seu combustível, "a saliva".

— A política é uma arte ruminativa e precisamos ruminar muito este assunto. E não tenho dúvidas de que faremos esse esforço — disse.

O presidente da Câmara confirmou sua intenção de comunicar-se com o presidente Sarney para relatar os resultados da reunião que coordenou, na última terça-feira, com os ministros João Sayad (Planejamento), Dilson Funaro (Fazenda), Almir Pazzianotto (Trabalho) e Marco Maciel (Educação).

Para Ulysses, o presidente Sarney continua sendo o "grande coordenador do pacto", embora a tarefa de viabilizá-lo deva ser exercida em conjunto: "Não devemos pensar nas pessoas, mas nos resultados", justificou o presidente da Câmara.

Ao lado, na sala de autoridades da Base Aérea de Brasília, os ministros João Sayad, Dilson Funaro e Marco Maciel, este como representante do PFL, conversavam, a pedido de Ulysses, sobre dois assuntos: o próprio pacto social e a emenda Ayrton Sandoval, que institui a reforma tributária.

Os líderes da Aliança Democrática no Congresso, Pimenta da Veiga e Humberto Lucena (pelo PMDB) e José Lourenço e Carlos Chiarelli (pelo PFL), também participaram do encontro, mas, cansados da viagem aos Estados Unidos, se retiraram antes.

O Governo deseja intensificar os contatos com as lideranças sindicais e, com relação à emenda Ayrton Sandoval, pretende adiar a sua votação — prevista para o próximo dia 2 — até que a comissão da reforma tributária de emergência encontre uma solução alternativa.

— Estamos trabalhando intensamente nisto — resumiu Funaro, ao término da reunião.

## TRIMESTRALIDADE

Apesar do acordo formalizado entre a CUT e a Conclat para pressionar o Governo no sentido de conceder aos trabalhadores a trimestralidade, o ministro José Hugo Castelo Branco, chefe do Gabinete Civil, descartou qualquer possibilidade de êxito na reivindicação.

— O presidente Sarney já disse que a concessão da trimestralidade implicaria uma sobrecarga muito grande nas finanças do País — justificou, preferindo encerrar o acordo como "uma forma de encontrar uma fórmula harmônica com o Governo".

Mais enfático, Funaro afirmou que a trimestralidade é dispensável, uma vez que os salários já estão readquirindo o seu poder de compra: "Setembro mostra isso", continuou o ministro. "A demonstração de que o salário está acima dos valores da subida dos preços é o fato de que as vendas do comércio estão 28% a mais do que foi verificado no ano passado".

## Missão é abrir o diálogo

A. C. SCARTEZINI  
Da Editoria de Política

Agora eu vou embora para a Base Aérea, senão o Sarney vai pensar que eu não quero devolver o Governo a ele", despediu-se o presidente ainda em exercício Ulysses Guimarães de um grupo de jornalistas, logo depois de tomar com eles o café da manhã na residência da Câmara dos Deputados, na Península dos Ministros. "Obrigado, Ulysses", agradeceu-lhe Sarney, na Base Aérea, depois de mais um abraço.

Nada mais disse-lhe Sarney, até se despedir para tomar o rumo do Palácio da Alvorada, mas Ulysses entendeu que o Presidente não agradecia apenas o carinho com que ele tomou conta do Palácio do Planalto desde o último sábado. Agradecia, sobretudo, a disposição de Ulysses em aceitar a missão de articular um pacto social.

Uma missão que Ulysses refugou em meados do ano, mas que acabou por aceitar justamente nestes últimos dias em que voltou a responder pelo expediente no Planalto, quando pôde sentir, mais do que da outra vez, o peso dos problemas que pousam sobre a mesa presidencial. Com entusiasmo, Ulysses mostrou no café da manhã que acredita na possibilidade de reunir as forças sociais em tor-

no do pacto de transição do regime:

— A sociedade está madura para uma conversa séria e honesta.

### ESTILO DE ULYSSES

A conversa deve ser o estilo da missão de Ulysses, sob a inspiração precisa da missão Portella, que surgiu há oito anos sob o comando do então senador Petrônio Portella, presidente do Senado, para ocupar o vazio político em que o "pacote de abril" jogou a Nação. "O Ulysses vai repetir a missão Portella", confirmou o ministro Marco Maciel.

A edição do pacote, em abril de 1977, foi uma vingança do general Ernesto Geisel contra a decisão do Congresso em recusar a aprovação da reforma judiciária. Dentro do pacote, veio a permanência da eleição indireta dos governadores, a invenção do senador biônico, o mandato presidencial de seis anos e a reforma judiciária, entre outras coisas, tudo com base no AI-5.

Era uma obra da "Constituinte do Riacho Fundo" — como batizou, na época, o senador Paulo Brossard o grupo que se reunia na Granja do Riacho Fundo para planejar o pacote. A frente da Constituinte, o general Geisel. Abaixo dele, o gene-

ral Golbery do Couto e Silva e o major Heitor Aquino Ferreira — além de outros colaboradores civis.

### A CHAMA

A violência com que o pacote de abril caiu sobre o País traumatizou a sociedade e, sobretudo, os políticos, embalados que vinham pelo projeto de "distensão lenta, gradual e segura" prometido pelo mesmo Geisel. Coube, então, à missão Portella sacudir a sociedade. "Mais do que nunca, temos que erguer essa chama", costumava justificar o senador Portella o seu trabalho.

A missão de Petrônio consistia em alimentar o "diálogo" — outra expressão da época. No diálogo, Petrônio recebia, em sua sala na presidência do Senado, representantes das classes sociais e categorias profissionais, aos quais pedia colaboração para a abertura do regime. Petrônio não prometia nada aos seus interlocutores e apenas acenava-lhes com a importância de participar de um processo histórico.

A recompensa do reconhecimento pela história, portanto, era apenas a promessa aos interlocutores. Na realidade, o senador consumia a maior parte dos diálogos com uma instrução

aos seus interlocutores: ensinava-lhes o que deviam dizer, com toda a precisão, aos repórteres que esperavam do lado de fora.

### A IMPRENSA

Tinha Petrônio a compreensão de que o diálogo, na verdade, não acontecia em sua sala a portas fechadas, mas lá fora, onde a imprensa recebia declarações animadoras sobre o entendimento social. Se, no dia seguinte, os jornais nada publicassem sobre o diálogo, não teria havido diálogo.

Com essa mesma compreensão, Ulysses Guimarães gastou sua última temporada no Palácio do Planalto. Foi a São Paulo para a exposição sobre informática. Almocou com representantes da ABI e OAB. Jantou com os repórteres que cobrem o Planalto. E, ontem, antes de devolver a Presidência, tomou o café da manhã com sete editores e os sensibilizou para a sua missão.

Aos jornalistas, Ulysses apenas prometeu que as intenções de Sarney são as melhores possíveis, que a sua missão na ONU sensibilizou as autoridades mundiais às quais deveria sensibilizar, e que o Presidente está "impregnado" pela sua condição de homem nordestino acostumado às adversidades.